

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

JOSIVAN SOARES FERREIRA

SUBJUGAMENTO DA PERSONAGEM AZARIAS NO CONTO “O DIA EM QUE
EXPLODIU MABATA-BATA”, DE MIA COUTO:
contribuições do método recepcional para a formação de leitores críticos na Educação
de Jovens e Adultos (EJA)

João Pessoa,
2022

JOSIVAN SOARES FERREIRA

SUBJUGAMENTO DA PERSONAGEM AZARIAS NO CONTO “O DIA EM QUE
EXPLODIU MABATA-BATA”, DE MIA COUTO:
contribuições do método recepcional para a formação de leitores críticos na Educação
de Jovens e Adultos (EJA)

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Me. Victor Cavalcanti
Mariano

João Pessoa,
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha, IFPB *campus* João Pessoa

F383s Ferreira, Josivan Soares.

Subjugamento da personagem Azarias no conto “O dia em que explodiu Mabata-Bata,” de Mia Couto : contribuições do método recepcional para a formação de leitores críticos na educação de jovens e adultos (EJA) / Josivan Soares Ferreira. – 2022.

30 f. : il.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras a Distância, 2022.

Orientação : Prof^o Me. Victor Cavalcanti Mariano.

1. Literatura africana – estudo da personagem. 2. Contos. 3. Método recepcional. 4. Formação de leitores. 5. Educação de jovens e adultos (EJA). I. Título.

CDU 82-34(6)(043)

JOSIVAN SOARES FERREIRA

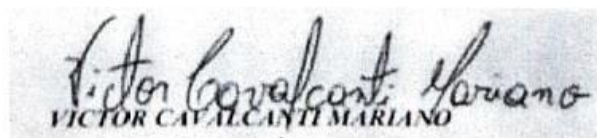
SUBJUGAMENTO DA PERSONAGEM AZARIAS NO CONTO “O DIA EM QUE
EXPLODIU MABATA-BATA”, DE MIA COUTO:
contribuições do método recepcional para a formação de leitores críticos na Educação
de Jovens e Adultos (EJA)

Artigo apresentado como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Me. Victor Cavalcanti
Mariano

Aprovado em 30 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

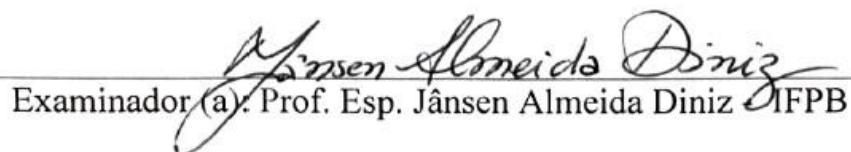


VICTOR CAVALCANTI MARIANO

Presidente: Prof. Me. Victor Cavalcanti Mariano - Orientador – IFPB



Examinador (a): Prof^ª Dra. Francinete Fernandes de Sousa – UEPB



Examinador (a): Prof. Esp. Jansen Almeida Diniz IFPB

*Aos meus pais, João José Ferreira e Josefa Soares Ferreira.
À minha esposa, Adriana Valdivino da Silva.*
DEDICO!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a dádiva de encontrar professores e amigos dedicados em melhorar e transformar a sociedade, elegendo e fazendo da educação um mecanismo de mudança. Obrigado, meu Deus!

Aos meus pais, Josefa Soares Ferreira e João José Ferreira, que sempre me incentivaram durante minha formação como cidadão e pessoa de bem.

À minha esposa Adriana Valdivino da Silva, por me incentivar e apoiar meu sonho em ser professor.

À Professora Dra. Francinete Fernandes de Sousa - sempre engajada nas causas sociais e lutando pelos menos favorecidos e excluídos da nossa sociedade - por acreditar em mim desde o meu ingresso na UEPB em 2007, no curso de Arquivologia, por incentivar e apoiar a continuação dos meus estudos. Devo a ti as conquistas e a vontade de acreditar no ser humano. Agradeço por fazer de mim um ser humano melhor, ajudando-me a lutar pelos meus ideais, anseios, pela dissolução dos meus medos, sempre me dizendo: “Você vai chegar lá! Você pode ser o que você quiser!”. Sei que aqui, nesses agradecimentos, não é possível agradecer por tudo. Ainda trabalharemos junto por muitos e muitos anos.

Aos amigos do curso de Letras Campus V, pelo apoio nos momentos difíceis.

Aos professores e educadores Neilson Alves de Medeiros, Adriana Araújo Costeira de Andrade, Marta Célia Feitosa Bezerra e Maria Analice Pereira da Silva, pelo incentivo, pela postura ética e por mostrar como ser um educar!

Um agradecimento especial à amiga Sílvia Santana Ferreira da Silva, que dividiu comigo os estágios III e IV na mesma escola e turma. Obrigado por contribuir com as reflexões e pesquisas nas turmas da Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual Prof. Orlando Cavalcanti Gomes. Obrigado a professora supervisora Maria do Carmo dos Santos por nos proporcionar momentos de aprendizagem, amor e respeito à docência e aos alunos

Agradeço com especial destaque a Jânsen Almeida Diniz por sempre se mostrar disponível e compreensível em ajudar todos os alunos sem cerimônia, com paciência, amor e respeito sempre!

Agradeço imensamente meu orientador, Victor Cavalcanti Mariano por me incentivar e me apoiar no momento de mudança do tema e perspectiva do meu TCC!

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (Paulo Freire)

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma proposta para trabalhar com Literatura Africana nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da leitura do conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto. Assim, toma-se como norte de análise o estudo da personagem Azarias e o subjugamento ao qual é submetido na narrativa. Para contribuir na formação de leitores críticos do texto literário, utilizou-se o Método Recepcional, de Aguiar e Bordini (1993). A proposta nasceu a partir da problemática em refletir como as Literaturas Africanas são discutidas nas aulas de Língua Portuguesa das turmas da EJA. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e a pesquisa documental a partir da análise da Proposta Curricular do Ensino Médio na Paraíba (2021). Utilizou-se como aporte teórico as reflexões sobre os estudos de cultura de corrente britânica à luz do teórico Raymond Williams discutidos por Cevasco (2001), a importância do letramento literário na perspectiva de Cosson (2009), o estudo da personagem segundo Brait (1985) e aplicação do método recepcional nas palavras de Anzolin (2018) e Dalla-Bona e Tarachuk (2022). Como principais resultados, buscou-se ampliar o repertório e o contato dos educandos das turmas da EJA com as literaturas africanas a partir do estudo do gênero conto e sua narrativa que reflete a construção histórica do povo moçambicano e traçar um diálogo entre os estudos de cultura a fim de descortinar e desnudar as relações sociais e disputas de poder que subjaz ao texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Estudo da personagem. Método recepcional. Literatura africana. Mia Couto. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

ABSTRACT:

This research aims to present a proposal to work with African Literature in Youth and Adult Education (EJA) classes based on the reading of the short story “The day in which Mabata-bata exploded”, by Mia Couto. Thus, the study of the character Azarias and the subjugation to which he is subjected in the narrative is taken as a guideline for analysis. To contribute to the formation of critical readers of the literary text, the Reception Method, by Aguiar and Bordini (1993) was used. The proposal was born from the problem of reflecting on how African Literatures are discussed in Portuguese Language classes in EJA classes. The methodology used was the bibliographic review and documental research based on the analysis of the Curriculum Proposal for High School in Paraíba (2021). The reflections on British culture studies in the light of the theorist Raymond Williams as discussed by Cevasco (2001), the importance of literary literacy in the perspective of Cosson (2009), the study of the character according to Brait (1985) were used as a theoretical contribution.) and application of the reception method in the words of Anzolin (2018) and Dalla-Bona and Tarachuk (2022). As main results, it was sought to expand the repertoire and the contact of the students of the EJA classes with African literatures from the study of the short story genre and its narrative that reflects the historical construction of the Mozambican people and to draw a dialogue between the studies of culture in order to uncover and lay bare the social relations and power struggles that underlie the literary text.

KEYWORDS: Character study. Reception method. African literature. Mia Couto. Youth and Adult Education (EJA).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Semelhanças entre Brasil e África	23
---	----

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *subjugar* significa “1 v.t.d: submeter pela força, por ameaças ou por habilidade; dominar; sujeitar; 2. v.bi e pronominal: (sentido figurado) reduzir ou render-se à obediência, às ordens ou à vontade de; sujeitar (-se) ”.

Ou seja, perceber o outro não como um sujeito social com sua subjetividade, intersubjetividade e individualidade num contexto social e cidadão, mas como um outro de menor valor, menos importância e até, em muitos casos, menos humano, quase coisificado.

Dessa forma, faz-se necessário debruçarmos sobre estudos de cultura discutidos por Cevasco (2001) à luz do corrente teórica-metodológica de Raymond Williams com o objetivo de descortinar e desnudar as construções sociais empreendidas nas disputas de poder.

É essa ideia/tese de outro que percebemos ao refletirmos sobre a condição social e humana de Azarias no conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto. Nesse sentido, o estudo pretende trazer algumas contribuições dos estudos sobre cultura, numa perspectiva moderna, percorridas por Raymond Williams, para análise do texto literário, a partir do estudo da personagem Azarias.

O conto ora discutido é da autoria de um dos mais brilhantes autores da Literatura Moçambicana: Mia Couto. Ao refletirmos sobre a personagem principal do conto, Azarias, somos tomados por uma condição social das crianças que perdem seus pais e são “criados” por jagunços e funcionários de poder nas fazendas estabelecendo uma relação de subserviência onde essa criança cresce na propriedade como um “afilhado” mas que não tem os mesmos direitos e privilégios do então filhos.

Assim, a partir das prerrogativas do letramento literário segundo Cosson (2009) e o método recepcional de Aguiar e Bordini (1993), torna-se urgente refletir como as literaturas africanas são percorridas e abordadas nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Por fim, inferimos que tal proposta encontra terreno fértil ao referenciar a Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba (2021) que ressalta a importância em trabalhar com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

O trabalho está organizado em 4 (quatro) capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos de maneira breve os conceitos de cultura à luz do teórico britânico Raymond Williams explicar como os estudos de cultura contribuir para descortinar as disputas de poder presentes na narrativa de Mia Couto.

No segundo capítulo, buscou-se discorrer sobre a premência do letramento literário e a importância em trabalhar com as literaturas africanas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em consonância com a Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba.

No terceiro capítulo, tecemos um breve percurso histórico sobre a colonização em Moçambique e como esse processo de invasão influenciou a produção literária moçambicana.

No quarto capítulo, apresentamos uma proposta de 05 (cinco) aula, a partir do Método Recepcional, de Aguiar e Bordini (1993) para a Turma A, Ciclo VI noite, da Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Orlando Cavalcante Gomes, em João Pessoa

Por fim, temos as considerações finais, em que apresentamos as reflexões sobre o trabalho desenvolvido, deixando algumas inquietações e caminhos para pesquisas futuras.

1. ESTUDOS DE CULTURA À LUZ DE RAYMOND WILLIAMS: um farol sobre as construções sociais e as disputas de poder

Para entendermos a tese que é proposta nesta pesquisa, de perceber a inferiorização e exclusão social a qual a personagem Azarias é submetido, através do subjugamento por seu “tio” Raul. Torna-se urgente discorrer sobre os estudos de cultura para entender como são construídos e disseminados os modelos excludentes de pessoas e grupos sociais que se encontram às margens da sociedade.

Assim, faz-se necessário, mesmo que de forma breve, sem a pretensão de esgotar todo o arcabouço teórico sobre os estudos de cultura, discorrer como a cultura de dominação e racialização é marcada nas narrativas moçambicanas.

Para isso, torna-se importante tecer um diálogo sobre os liames de subjugamento e subserviência ao qual se alicerça as narrativas do autor moçambicano Mia Couto e seu povo mediante os estudos de cultura discorridos por Raymond Williams segundo Cevalco (2001).

É através desse entendimento que fundamentamos como as relações de poder sobre negros, quilombolas, indígenas entre outros, sobretudo aqueles onde a colonização se fez presente num universo de dominação e extermínio se reverbera desde a formação das sociedades até os dias atuais.

Ao pensarmos sobre os conceitos de cultura num viés histórico e contextualizado, Cevasco (2001, p. 45) discorre que:

“Cultura” vem do latim, onde *colere* significava “habitar” (daí colono), “adorar” (daí cultura) e também “cultivar”, no sentido de cuidar aplicado à colheita quanto a animais. (...) *Culture* começa a ser usada extensivamente como abstração de um processo ou como o produto de um processo de desenvolvimento mental ou espiritual a partir do século XIX. [...]. Tanto do ponto de vista conservador quanto progressista, “cultura” é usado para aferir a qualidade de um tempo, ou até mesmo para ser levada a outros povos, como o bônus de uma invasão, seguida de uma ocupação onde os valores da “cultura” dos vencedores são “ensinados” aos invadidos.

Assim, temos cultura como um sistema simbólico construído histórica e socialmente que determina e orienta formas e normas de agir na sociedade, de pensar sobre o outro, de determinar condutas sociais admiráveis e admissíveis, seja no entendimento de valores materiais e concretos de incluir ou excluir costumes e práticas de valorização/legitimação ou exclusão/marginalização de determinados sujeitos e grupos sociais.

A partir da reflexão anterior, observa-se que não é tarefa fácil conceituar cultura e sua pluralidade de sentidos, aplicabilidade material e os contornos sociais que esse conceito carrega ao longo da história da sociedade.

Em nossos dias, além do sentido que permanece de “cultivo” agrícola em oposição ao “crescimento natural”, há pelo menos três categorias distintas de uso: a de um substantivo abstrato que nomeia um processo de desenvolvimento mental, a designação de um modo de vida específico, como a cultura de um povo, de uma época; e, ainda, a palavra que descreve os trabalhos e as práticas de atividade intelectual e especialmente artística – a música, a literatura, a escultura etc. (CEVASCO, 2001, p.46)

De acordo com Cevasco (2001, p. 37) as reflexões discorridas por Raymond Williams a partir de sua crítica sobre cultura são decisivas para os estudos de cultura na modernidade, pois “(...) sua posição marca uma maneira produtiva de compreender a organização social contemporânea através da crítica da cultura”.

Assim, quando nos deparamos com discursos deturpados construídos a partir da separação do outro, mediante narrativas que distorcem a realidade e se fundamentam em ideologias misóginas, racistas, transfóbicas entre outros, há de se analisar os sujeitos que as proliferam, pois,

o olho humano não é uma câmera neutra que registra o que está diante do sujeito. Somente ‘vemos’ a realidade quando aprendemos a descrevê-la através de esquemas perceptíveis que são sociais, localizados no tempo e no espaço”. (CEVASCO, 2001, p. 53)

Essa perspectiva de dominação e perpetuação de uma ideia e ação hegemônica de inferiorização através de colonização, aculturamento e apagamento da identidade nacional dos povos nativos das nações que foram colonizados por Portugal, como é o caso de Brasil e Moçambique, é materializado na literatura moçambicana.

No que diz respeito as relações de poder expressas no conto “O dia em que explodiu Mabata-bata, trazemos as reflexões de Ferreira *et al* (2016, p. 385):

As relações de poder são bem claras no conto e apontam a construção da identidade moçambicana que está passando por mais uma luta de identidade e liberdade. Um país marcado de violência e que Mia Couto expõe de forma explícita as marcas dessas relações e da sua participação social dentro da literatura.

Assim, as produções literárias moçambicanas, a exemplo do escritor Mia Couto, buscaram tecer suas narrativas tendo como pano de fundo a guerra civil vivida nesse país e a necessidade dos escritos em reavivar o espírito nacionalista, a paz, as lendas e a mística que permeia a cultura moçambicana.

2 LETRAMENTO LITERÁRIO E LITERATURAS AFRICANAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): perspectivas e caminhos a partir do currículo para o ensino médio na rede estadual de ensino da Paraíba

Em relação a instrumentalização legal, percebemos que o sistema educacional brasileiro sofreu várias mudanças significativas desde a promulgação da nossa Carta Magna de 1988 em relação aos objetivos, metas e componentes curriculares para educação básica.

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996 e suas respectivas alterações ao longo dos mais de 25 anos, assiste-se também uma reorganização e inserção no sistema de ensino brasileiro sobre história e cultura afro-brasileira e africana, sobretudo a partir da Lei nº. 10.639/2003, que alterou um dos artigos da LDB e que foi modificada posteriormente pela Lei nº. 11.645/2008, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e indígena.

Tais aparatos legais contribuíram para trazer à baila a importância em estudar, em âmbito da educação básica, a história de um povo que fora escravizado e arrancado de sua terra e que contribuiu significativamente para a construção social, história, cultural e linguística do Brasil.

Dessa forma, as literaturas africanas em sala de aula têm como objetivo principal e fio condutor a formação do leitor proficiente. Trata-se de pensar que, nas palavras de Cândido (1995) é indispensável para a formação humanizada a partir da leitura literária enquanto um bem cultural.

Ou seja, cabe ao professor e à escola contribuir para o desenvolvimento do educando ao possibilitar, através da leitura literária, o contato com a sensibilidade, criatividade, com a experiência social e histórica dos autores, exercitar a concentração, a memória entre outros.

Assim, o letramento literário, mostrasse urgente ao passo que proporciona aos alunos metodologias e abordagens do texto literário. Dito de outra forma, o letramento literário busca relacionar os textos lidos com a realidade social, pessoal e linguística dos alunos. Para Cosson (2009, p. 12):

o processo de letramento que se faz via texto literário compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e , sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio

Assim, temos como norte as metodologias para uso do texto literário em sala de aula além do letramento literário o uso da Sequência Didática (SD) que objetiva discorrer com os multiletramentos e com os diversos gêneros literários e sequências tipológicas que alicercem a prática de leitura literária.

Com isso, cabe ao educador analisar a partir das escolhas dos textos e gêneros literários que serão trabalhados em sala de aula o método que melhor se adeque aos seus objetivos de leitura dos textos ou obras, a saber: 1) método científico; 2) método criativo; 3) método recepcional; 4) método comunicacional e 5) método semiológico. (AGUIAR E BORDINI, 1993).

Dessa forma, o professor proporcionará aos alunos experiências exitosas e construtivas de ampliação do repertório de gêneros lidos e estudados, diversificação de autores e obras, ampliando, assim, o enriquecimento literário, lexical e linguístico dos alunos.

Cada método, como também a combinação deles, depende do objetivo de abordagem do professor, como também as expectativas e experiências dos educandos contribuem para a escolha que deve sempre privilegiar a leitura dos textos e obras de forma criativa e prazerosa.

Assim, a depender do objetivo da leitura do texto literário a ser realizada, como por exemplo um conto, deve-se partir da escolha dos principais contistas na literatura adulta e infanto-juvenil e suas obras mais conhecidas e desconhecidas pela maioria dos leitores, mas que dialoguem com os acontecimentos sociais, históricos e assuntos atuais e fundamentais para a formação do ser social.

A escola, espaço privilegiado para a formação humana, social, emocional e cognitiva do educando, tem como objetivo precípua a formação integral e plural dos alunos.

Ou seja, vislumbra que os alunos tenham experiências leitoras, contextuais e linguísticas, em língua portuguesa, produção textual e literatura, que contribuem para a construção e aperfeiçoamento de competências e habilidades para a formação social, cognitiva, intelectual e emocional para o convívio social, o mundo do trabalho e nas práticas cidadãs.

Para Cândido (2011) o direito à literatura contribui para uma formação humanizada e dialogável na formação de leitores críticos e reflexivos sobre as práticas sociais a partir das experiências que a leitura literária proporciona ao educando.

Dessa forma, a leitura e fruição do texto literário ganha papel de destaque na prática escolar com projetos e sequências didáticas que estimulem a leitura literária enquanto prática social. Com efeito, cabe às escolas construir seus projetos pedagógicos alicerçados em ações que conduzam à formação de leitores.

No estado da Paraíba, em consonância com os sistemas educacionais nacionais, temos dois principais instrumentos político-didático que norteiam a construção do ensino na rede estadual da Paraíba: 1) Proposta Curricular do Ensino Médio na Paraíba (PCEMPb), de 2021 e Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Educação da Paraíba (DOEREPb), de 2022.

A PCEMPb, em relação ao letramento literário destaca que:

é necessário desenvolver competência para analisá-los e interpretá-los, dada a sua condição artística, plurissignificativa, nas múltiplas dimensões responsáveis pela construção de sentidos: recursos de expressão, estrutura, relações entre forma e conteúdo, aspectos do estilo pessoal, contextualização histórico-cultural, tradição literária (PARAÍBA, 2021, p. 66)

O Documento destaca também a importância em trabalhar com a “Literatura diversa” em sala de aula (p.107), a saber:

- 1) Literatura paraibana/regional;
- 2) Literatura de autoria feminina paraibana/regional/nacional;
- 3) Literatura de cordel paraibana/regional;
- 4) Literatura indígena;
- 5) Literatura afro-brasileira;
- 6) Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP);
- 7) Literatura da Mulher Negra;
- 8) Poéticas Visuais e;
- 9) Dramaturgia paraibana/regional

Assim, mais que trabalhar os sentidos contidos nos textos em seus diversos gêneros literários é premente construir uma contextualização histórico-cultural, tarefa singular ao reconhecer a importância da proposta da pesquisa em trabalhar, nas turmas da EJA, com a literaturas africanas, visto que:

É relevante também para uma abordagem das diversidades, o estudo das Literaturas paraibana, indígena, afro-brasileira e dos países africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a saber Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau (...), pois entendemos que a Literatura é lugar desses enfrentamentos culturais e da expressão da pluralidade de vivências humanas ao redor do globo. (PARAÍBA, 2021, p.70)

Além da orientação em trabalhar com as literaturas diversas, o PCEMPb (2021), destaca como sugestões de autores/as para o trabalho com as Literaturas africanas de Língua Portuguesa (poesia e prosa), os países africanos de língua portuguesa e seus principais autores. Em consonância com a proposta ora apresentada, dentre as sugestões dos autores temos Mia Couto, autor de destaque na literatura moçambicana.

É imperativo conhecer a história e contribuição cultural e linguística dos países africanos, suas literaturas, autores e possibilitar aos alunos traçar um diálogo profícuo sobre as histórias e narrativas das literaturas angolanas, moçambicanas, cabo verdianas, guineenses e são tomenses.

Assim, mostrasse urgente proporcionar aos alunos da educação básica e suas modalidades de ensino, a exemplo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), (re) reconhecer e se sentir pertencente no caldeirão étnico que forma a nação brasileira, como também as narrativas e autores que compõem as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

3 LITERATURAS AFRICANAS: como o processo de colonização influenciou a produção literária moçambicana

As narrativas que compõem as literaturas africanas, sejam em verso ou prosa, com destaque para Moçambique, têm como pano de fundo o contexto histórico atrelado aos processos de colonização e descolonização em África.

Com ênfase em Moçambique, país de origem no nosso autor, Mia Couto, Ferreira *et al* (2016, p. 378) destaca que:

Moçambique foi colônia por que, como toda colônia, sofreu com as vontades impostas pelos seus colonizadores. Portugal explorou suas riquezas naturais e impôs a sua cultura aos moçambicanos. Moçambique se tornou independente em 1975 e em 1977 teve início a guerra civil.

Assim, a história de luta pela terra e pelo povo de Moçambique se assemelha com a brasileira, pois as duas nações foram colonizadas, tiveram os povos originários da terra escravizados e suas culturas marginalizadas. “No final do século VX, Portugal inicia a penetração, por conta de ouro e das especiarias asiáticas”. (FERREIRA *et al*, 2016, p. 379).

O autor anteriormente citado traz ainda mais informações sobre as semelhanças entre Brasil e Moçambique, a saber: “Como no Brasil, a exploração da metrópole passou por várias fases. Em Moçambique iniciou com o ouro depois o marfim e os escravos” (FERREIRA *et al*, 2016, p. 379). Assim, temos que a colonização portuguesa em Moçambique foi marcada por lutas de resistência:

... no caso das nações africanas colonizadas por Portugal, a Língua Portuguesa ao se consolidar como discurso dominante, acabou, paradoxalmente, sendo transformada por escritores como instrumento de resistência política, cultural e ideológica, à aniquilação cultural vicejada por parte da metrópole portuguesa”. (EVANGELISTA, 2011, p. 43)

Cabe destacar que o conto ora trabalhado nesta pesquisa, foi escrito durante o período da guerra civil em Moçambique (1975-1992). Dessa forma, o conto representa a luta dos moçambicanos por um espírito nacionalista, de esperança e paz, pois, Mia Couto buscou “(...) com uma narrativa comprometida em trazer nos aspectos culturais do povo moçambicano uma identidade nacional. (FERREIRA *et al*, 2016, p. 378).

Nas palavras de Ferreira *et al* (2018) os conflitos que marcaram a história de Moçambique se conjugam com o caminho escolhido por Azarias no conto:

“Os conflitos que fizeram parte da história de Moçambique marcaram a sociedade com minas terrestres e racismo. (...) na história e no cotidiano de Moçambique, a guerra e a morte se depararam na tenacidade dos sonhos por paz e liberdade. (FERREIRA *et al*, 2016, p. 377).

Em relação ao contexto histórico e social, (FERREIRA *et al*, 2016, p. 377) esclarece que:

Mia Couto, em sua obra literária, traz para o conhecimento do seu leitor a realidade da sociedade moçambicana que foi marcada por uma guerra civil que perdurou por aproximadamente dezesseis anos e está entranhada na memória e história de seu povo.

Por fim, temos em “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto, uma narrativa que mescla cultural local, como a trabalho de pastoreio de bois, com o misticismo, tradição moçambicana e a lenda do pássaro do relâmpago Ndlati.

3.1 **Mia Couto:** literatura e história moçambicana em verso e prosa.

Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu em Beira, no dia 05 de julho de 1955. De acordo com Ferreira *et al* (2016) “Ganhou o codinome de Mia porque era apaixonado por gatos e também porque o seu irmão mais novo não conseguia pronunciar seu nome”.

Com catorze anos, alguns de seus poemas foram divulgados no jornal “*Notícias da Beira*”. Três anos após, em 1971, mudou-se para a capital de Moçambique, atual Maputo. Em 1983, publica seu primeiro livro, de poemas (*Raiz de orvalho*), seguindo-se o de contos em 1986 (*Vozes anoitecidas*), o de crônicas em 1988 (*Cronicando*) e o primeiro romance em 1992 (*Terra sonâmbula*).

Em 1983, *Raiz de Orvalho*, seu primeiro livro de poesias foi publicado, que, de acordo com algumas interpretações, contém poemas contra a publicidade marxista militante. Depois de dois anos, abdicou sua função de gestor para dar continuidade aos seus estudos acadêmicos sendo que na área de biologia.

Mia, além de ser estimado um dos mais admiráveis escritores de Moçambique, é o que possui maior número de suas obras traduzidas. Em diversas obras de sua autoria, inova a língua portuguesa recriando com uma extensão moçambicana, fazendo uso do léxico de múltiplas regiões do país e desabrochando um novo modo de produção nas narrativas africanas.

Seu primeiro romance, publicado em 1992, *Terra Sonâmbula*, recebeu o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi identificado com um dos dez melhores livros africano do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbabué.

Em 25 de novembro de 1998, foi nomeado Comendador da Ordem Militar de Sant'ago da Espada. Em 2007 fundou uma empresa de estudos ambientais da qual é colaborador. (Sociedade dos Poetas Amigos, 2012)

Mia Couto, em dez de junho 2013, foi homenageado, recebendo no Palácio de Queluz, o Prêmio Camões, entregue diretamente pelas mãos do presidente de Portugal Cavaco Silva e, também, da presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

3.1.1 O conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”.

A narrativa descreve a história do pequeno pastor de gados, Azarias, nosso personagem principal que ficou órfão e foi criado por seu tio Raul que o maltratava e não o deixava frequentar a escola. Tendo como espaço ficcional a fazenda e um cenário de guerra civil, em Moçambique, Azarias decide fugir após um dos principais bois da fazenda, Mabata-bata, explodir ao pisar numa mina.

O dia em que explodiu Mabata-bata, faz parte do primeiro livro de contos de Mia Couto, *Vozes anoitecidas*, publicado em 1986.

De acordo com Zeoli e Shumiski (2017) o conto “é uma mistura de fantasia mística com a dura realidade da guerra civil que aconteceu em Moçambique no ano de 1977, após sua independência em 1975”.

Nas palavras de Evangelista (2011, p. 44)

Neste conto, o real e o fantástico perfazem um caminho paralelo até se fundirem definitivamente na morte trágica da personagem tão humanamente construída e que, não obstante, tem o mesmo fatídico fim destinado ao boi Mabata-bata.

3.1.1.1 A personagem Azarias: subjugamento para explicar a condição social

Pensar na personagem é refletir sobre o olhar que o autor lança sobre as possibilidades de construir e reconstruir a realidade através da arte literária, seja no intuito de personificar em verso ou prosa uma possibilidade de *Ser-Estar*, no mundo real, ideal, possível ou imaginário.

Para Brait (1985), em relação ao conceito de personagem a partir dos estudos de Aristóteles, temos que:

Assim sendo, parece razoável estender essas concepções ao conceito de personagem: ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação. (BRAIT, 1985, p. 31)

Em relação as espécies de personagem – planas ou redondas -, Azarias é classificado como uma personagem plana, pois, segundo Brait (1985, p. 41):

As personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor.

Podendo ainda, segundo a autora, ser subdividida em tipo e caricatura. Nosso pequeno pastor enquadrasse num tipo, pois “São classificadas como *tipo* aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação”. (BRAIT, 1985, p. 41).

Em relação ao tipo do narrador ao qual Mia Couto nos apresenta na narrativa, Evangelista (2011, p. 46), salienta que:

...o narrador onipresente põe-se a esmiuçar a subjetividade do garoto, revelando-a nos pormenores ao leitor, e, uma vez, matiza as condições de precariedade vivenciadas pelo garoto, sempre à mercê das sanções de outrem.

Assim, temos Azarias como uma personagem que, no primeiro parágrafo do conto, o autor já apresenta a condição social ao qual Azarias é submetido através de uma construção narrativa já de denúncia ao subjugamento sofrido pelo pequeno pastor: “Azarias trabalhava para ele (tio Raul) desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas”.

Diferente dos filhos dos outros, Azarias não tinha os mesmos direitos:

“Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância”.

Quando destacamos essa fala, nos vem à menta a passagem de Brait (1985, p. 7) dá impossibilidade de não se emocionar e trazer para o dia o dia a angústia e a dor que vivia Azarias, pois: “(...) não há distanciamento leitor—texto que possa refrear a emoção sentida (...)”

Em relação à vida longe do acesso à escola enquanto violência simbólica, Evangelista (2011, p. 45) enfatiza que:

Aqui, o escritor aponta cômico e artisticamente mais uma mazela política vigente em muitos países africanos e latino-americanos de modo bastante acentuado, a negação sistemática de direitos a grande parcela populacionais, (...) Vitimados, muitas vezes, pela violência simbólica, psicológica ou física.

Uma infância perdida onde a única brincadeira é no lombo do Mabata-bata e o futuro não encontrava nenhuma perspectiva:

“Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro: - Este, da maneira que vive misturado com a criação há de casar com uma vaca”.

Outro trecho em que o autor destaca como Azarias era subserviente ao tio Raul encontra-se na descrição de suas vestimentas no momento em que Azarias decide fugir do tio em função da morte do principal boi do rebanho que cuidara:

“...Fugir é morrer de um lugar, e ele, com os seus calções rotos, um saco a tiracolo, que saudades deixava? Maus tratos, atrás de bois”.

“E todos se riam, sem querer saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados (...) Partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho (...)”

As ameaças do tio Raul encontram consonância com a premissa da submissão e desumanização sofrida por Azarias:

“- Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres”.

“A ameaça do tio soprava-lhe ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontram saída”.

Por fim, nosso personagem principal escolhe o único destino que achava plausível ao se deparar com seu algoz e a ave do relâmpago, Ndlati. Nosso pequeno pastorzinho repensa sua vida e o que deixaria para trás e, numa construção narrativa que mistura misticismo, lendas moçambicanas e uma poética fantástica, Azarias se entrega à morte:

O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite. O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho. Era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago.

“— Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me? E antes que a ave do fogo se decidisse, Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama”.

4 PROPOSTA DE AULA: a literatura africana na Turma da EJA Ciclo VI a partir do Método Recepcional

Em consonância com a pesquisa ora apresentada, a Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba (2021) destaca o Método Receptional alinhada com as práticas de leitura do texto literário em sala de aula, pois “proporciona momentos de debates e reflexões sobre as obras lidas, tendo como base o método receptional” (PARAÍBA, 2021, p.77).

Assim, pensou-se no Método Receptional a partir da sondagem feito junto à professora regente sobre a importância em proporcionar à turma a experiência em ter contato com textos literários e autores da literatura africana, visto que a turma ainda não havia estudado e trabalhado com essa temática.

4.1 Proposta Pedagógica

Optou-se em trabalhar por meio da leitura de um conto de forma integral a fim de proporcionar o contato com o texto de um autor moçambicano, Mia Couto, tendo como embasamento o Método Receptional, de Aguiar e Bordini (1993).

O Método Receptional encontra-se sistematizado no livro *Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas* (1993), das autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, é temo como principal objetivo abordar a leitura literária mediante uma sequência de cinco etapas.

Com isso, o professor tem um norte em relação a leitura do texto literário em sala de aula, pois:

O método receptional provoca a formação de alunos que não temem a ruptura com o estabelecido, questionadores constantes e flexíveis em termos de ajustamentos sociais. Ao romper com as estruturas vigentes, pode acontecer que venham a minimizar o passado ou reproduzi-lo em termos de clichês culturais. É necessário, neste caso, que lhes sejam propiciadas atividades em que mobilizem o acervo de conhecimentos herdados que possuem, com o fim de efetuarem sempre o relacionamento entre o horizonte anterior e o conquistado no presente. (AGUIAR e BORDINI, 1993, p. 154)

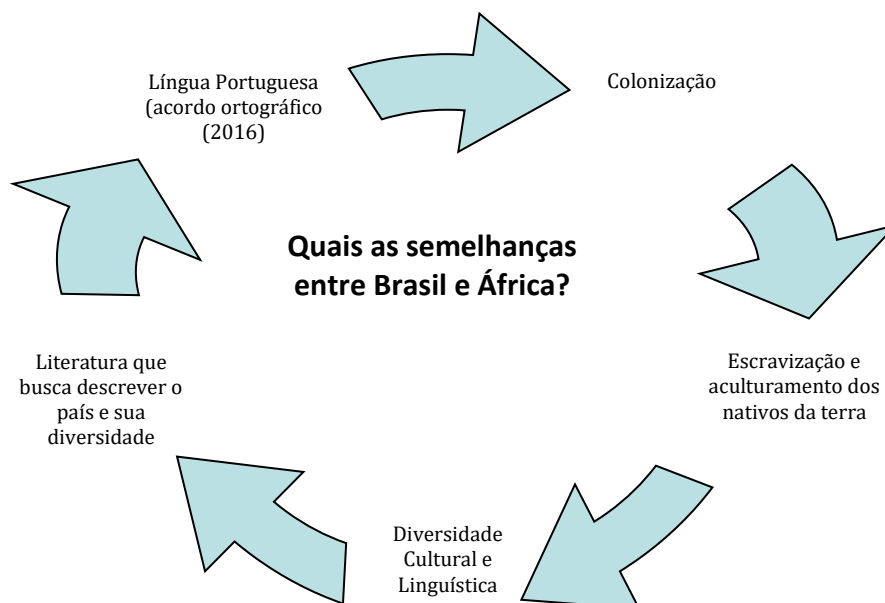
Assim, discorre-se sobre as etapas que compõem o método receptional, a saber:

- 1) Determinação do horizonte de expectativas;
- 2) Atendimento aos horizontes de expectativas;
- 3) Ruptura dos horizontes de expectativas;
- 4) Questionamento dos horizontes de expectativas;
- e 5) Ampliação dos horizontes de expectativas.

4.1.1 Determinação do horizonte de expectativa (uma aula):

Nesta primeira aula, busca-se sondar o conhecimento e determinar os horizontes de expectativas dos alunos em relação a importância em tecer um diálogo entre pontos convergentes/dialogáveis entre Brasil e África a partir do quadro a seguir:

Figura 1: Semelhanças entre Brasil e África



Fonte: Pesquisa direta, 2022.

O esquema acima tem como objetivo apresentar as similitudes entre Brasil e África a partir de processos comuns de colonização, escravização e aculturamento dos povos nativos da terra, diversidade cultural e linguística, literaturas que buscam descrever os olhares dos autores sobre cada país – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe – a fim de instigar o interesse pelas narrativas literárias que compõem as literaturas africanas.

Assim, de acordo com Anzolin (2018, p. 52) “O horizonte de expectativas dos alunos está relacionado aos seus valores, crenças, estilos de vida, preferências pessoais, preconceitos e interesses particulares de leitura”.

Nessa etapa serão apresentados o pequeno resumo sobre as literaturas africanas e como se compõem os países constituintes do continente africano para ilustrar a perspectiva histórica do conto.

4.1.2 Atendimento ao horizonte de expectativa: (uma aula)

Após analisarmos as expectativas que os alunos têm quanto a importância da literatura africana, apresentando um breve resumo histórico sobre os processos de colonização ocorridos em África e Brasil, optou-se pela leitura integral do conto *O dia em que explodiu Mabata-bata*, do autor moçambicano Mia Couto.

Como o gênero já havia sido discutido em sala de aula, em semestres anteriores, optou-se em trazer o gênero para essa proposta de leitura literária em função do conto seu uma narrativa curta e fácil interação entre os educandos.

Sobre essa etapa, Anzolin (2018, p. 53) salienta que “Nesta etapa, deverá ser trabalhado com textos literários que satisfaçam as necessidades dos alunos, ou seja, aqueles que correspondam ao já conhecido deles. (...)”

Após a leitura do conto pelo professor regente, serão levantados os seguintes questionamentos junto a turma:

- 1) O que acharam do conto?
- 2) Qual a temática abordada no conto?
- 3) O conto fez refletir sobre quais assuntos?

Estes três questionamentos possibilitarão ao professor mapear como foi a receptividade do conto juntos aos educandos.

4.1.3 Ruptura do horizonte de expectativas: (uma aula)

Nesta etapa, segundo Anzolin (2018, p. 53)

...serão introduzidas propostas de leitura que devem provocar um abalo sobre a visão de mundo dos alunos, tanto no que diz respeito às suas vivências culturais como a suas experiências literárias.

A partir dessa perspectiva, foi utilizado o estudo de uma das categorias narrativas: a personagem.

Assim, a partir da revisão sobre a categoria narrativa personagem, será realizada uma atividade de interpretação de texto. A atividade visa uma segunda leitura mais detalhada dos educandos destacando os pontos que descrevem a personagem Azarias.

Atividade – Interpretação de Texto

1. O boi, Mabata-bata, diferencia-se dos demais no rebanho. O que o boi tinha de diferente dos demais bois e qual a sua importância?

2. Azarias, nosso pastorzinho, pensou que os bois poderiam ter sido relampejados, mas logo descartou essa hipótese. Que outra hipótese ele formulou?
3. Azarias foi tomado pelo medo do tio, pois havia dito que ele não poderia perder nenhum boi. Neste momento da narrativa, ficamos conhecendo sobre a vida e o dia a dia do pequeno pastor. Como o narrador descreve a vida de Azarias?
4. O que Azarias decide fazer para não ser castigado pelo tio?
5. Com a chegada dos soldados à casa do tio Raul, ficamos sabendo o que tinha acontecido com o boi. Que informação os soldados trouxeram?

4.1.4 Questionamento do horizonte de expectativas (uma aula)

Nessa etapa, busca-se realizar uma reflexão com as etapas anteriores avaliando os conhecimentos que havia sobre a temática do conto, sua intertextualidade e as possibilidades de traçar uma reflexão sobre outros gêneros discursivos e literários que dialogam com a perspectiva apresentada no conto.

Para Anzolin (2018, p.54):

A classe vai refletir sobre os textos literários lidos até aqui e, por meio dessa análise, decidirá quais deles exigiram um nível maior de reflexão e um maior grau de satisfação. Esse é um momento para que os alunos avaliem suas reações e atitudes frente aos textos.

Para a consecução desta etapa, será realizado um debate a partir dos seguintes pontos norteadores: Por que Azarias não tinha direito de frequentar a escola? Como você vê a relação de Azarias com o tio Raul? Por que Azarias tomou a decisão de abraçar-se com o Ndlati?

4.1.5 Ampliação do horizonte de expectativas (uma aula)

Nessa última etapa, espera-se que os alunos

tomem consciência de suas alterações e aquisições obtidas pelas experiências de leitura literária que tiveram nesse percurso ao confrontarem os seus horizontes de expectativas iniciais com os de agora”. (ANZOLIN, 2018, p. 55).

Ou seja, os educandos tomam consciência sobre as reflexões mais profundas e conscientes, a partir da provocação do professor, através da solicitação de um texto oral ou escrito sobre a temática do conto e a tese que subjaz à narrativa ao dialogar com outras áreas do conhecimento como história, filosofia entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar com os estudos de cultura, a partir de uma perspectiva moderna, possibilita aos educandos da educação de Jovens e Adultos (EJA) perceber como os discursos de opressão e inferiorização sobre o outro são denunciados não apenas nos textos discursivos como também na literatura.

O diálogo possível entre Brasil e África, através das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa permite um entrelace de narrativas do *além-mar* tão comuns do nosso dia a dia como diversidade cultural, linguística, colonização entre outros.

Assim, torna-se premente o letramento literário e o contato dos educandos da educação básica com as narrativas africanas a fim de estabelecer um enriquecimento cultural. Tal ideia precípua encontra consonância aos analisamos as orientações dos instrumentos didáticos-pedagógicos contidos nos documentos que orientam o ensino médio da rede estadual de educação da Paraíba.

Dessa forma, propor uma prática de letramento literário com o gênero conto e o estudo da personagem, que tem como pano de fundo a guerra civil em Moçambique, possibilita recriar a história do povo moçambicano como também apresenta aos estudantes as estórias, lendas e contos de um povo que busca sua identidade cultural.

Por fim, mostrasse urgente proporcionar aos educandos da educação básica e suas modalidades de ensino, a exemplo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), (re) reconhecer e se sentir pertencente no caldeirão étnico que forma a nação brasileira, como também as narrativas e autores que compõem as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. da G. **Literatura**: a formação do leitor – alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANZOLIN, Carlos Eduardo Krebs. **Leitura do texto literário pelo método recepcional**: uma experiência no ensino fundamental II. Universidade Federal de Santa Catarina Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Florianópolis, 2018.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192106/PPL0020-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acessado em: 19 set. 2022.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In____: Vários escritos, 3. ed., Duas Estradas: São Paulo, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTO, Mia. **O dia em que explodiu Mabata-bata**. In: Vozes anoitecidas: doze contos. 2. ed., Editorial Caminho, Lisboa, 1987.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Josivan/Desktop/374195335-CEVASCO-Maria-Elisa-Para-Ler-Raymond-Williams.pdf> . Acessado em: 13 ago. 2022.

DALLA-BONA, Elisa Maria; TRACHUK, Daiana Lima. **A vez e a voz do leitor literário: aplicação do método recepcional no ensino fundamental I**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.40, n. 84, p. 167-182, 2022.

EVANGELISTA, Edson Gomes. **O dia em que explodiu Mabata-bata: o simbólico, o lírico e o fatídico no conto de Mia Couto**. Revista Saberes em Rede CEFRAPO, Cuiabá, jul./dez, p.41-54, 2011.

FERREIRA, Paula Helena Nacif Pereira Pimentel *et al.* **O dia em que explodiu Mabata-bata: a identidade cultural na literatura moçambicana de Mia Couto**. Cadernos do CNLF/ CiFEEFiL, Rio de Janeiro, v. XX, nº. 08, 2016. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_08/028.pdf . Acessado em: 02 out. 2022.

MICHELETTI, Everton Fernando. **Mia Couto: uma estética engajada**. Criação & Crítica, n. 21, p. 77-90, nov., 2018. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acessado em: 02 out. 2022.

PARAÍBA (Estado). Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. **Proposta curricular do ensino médio**. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, 2021, 867 p. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1q7hNWJL7ScfzW26dAjqXai9oUVpLs4Zf/view>. Acessado em: 06 de set. 2022.

_____. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. **Diretrizes operacionais das escolas da rede estadual de educação da Paraíba 2022**. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, 2022, 169 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/558930614/Diretrizes-Operacionais-Das-Escolas-Da-Rede-Estadual-2022-v2-1>. Acessado em: 06 de set. 2022.

ZEOLI, Jéssica de Jesus Sousa; SHUMISKI, Tamar Naline. **A inserção da literatura africana na grade curricular de língua portuguesa: análise do conto “o dia em que explodiu Mabata-bata”**, de Mia Couto. REUNI, edição VIII, p.28-42, 2017.

ANEXO 1 – Conto *O dia em que explodiu Mabata-bata*

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento. O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada. “Deve ser foi um relâmpago”, pensou. Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saía o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voo incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e a deita a sua urina. Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati. Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se. Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

— Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

— Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca.

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma fisga, frutos do djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira da água. Na outra margem parou à espera nem sabia de quê.

Ao fim da tarde a avó Carolina esperava Raul porta de casa. Quando chegou ela disparou a aflição:

— Essas horas e o Azarias ainda não chegou com os bois.

— O quê? Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar.

— Não é que aconteceu uma coisa, Raul? Tenho medo, esses bandidos...

— Aconteceu brincadeiras dele, mais nada.

Sentaram na esteira e jantaram. Falaram das coisas do lobolo, preparação do casamento. De repente, alguém bateu porta. Raul levantou-se interrogando os olhos da avó Carolina. Abriu a porta: eram os soldados, três.

— Boa noite, precisam alguma coisa?

— Boa noite. Vimos comunicar o acontecimento: rebentou uma mina esta tarde. Foi um boi que pisou. Agora, esse boi pertencia daqui.

Outro soldado acrescentou:

— Queremos saber onde está o pastor dele.

— O pastor estamos à espera – respondeu Raul. E vociferou: — Malditos bandos!

— Quando chegar queremos falar com ele, saber como foi sucedido. E bom ninguém sair na parte da montanha. Os bandidos andaram a espalhar minas nesse lado.

Despediram. Raul ficou, rodando à volta das suas perguntas. Esse sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espalhados por aí?

— Avó: eu não posso ficar assim. Tenho que ir ver onde está esse malandro. Deve ser talvez deixou a manada fugentar-se. E preciso juntar os bois enquanto é cedo.

— Não podes, Raul. Olha os soldados o que disseram. É perigoso.

Mas ele desouviu e meteu-se pela noite. Mato tem subúrbio? Tem: onde o Azarias conduzia os animais. Raul, rasgando-se nas micaias, aceitou a ciência do miúdo. Ninguém competia com ele na sabedoria da terra. Calculou que o pequeno pastor escolhera refugiar-se no vale.

Chegou ao rio e subiu as grandes pedras. A voz superior, ordenou:

— Azarias, volta. Azarias!

Só o rio respondia, desenterrando a sua voz corredeira. Nada em toda volta. Mas ele adivinhava a presença oculta do sobrinho.

— Apareça lá, não tenhas medo. Não vou-te bater, juro.

Jurava mentiras. Não ia bater: ia matar-lhe de porrada, quando acabasse de juntar os bois. No enquanto escolheu sentar, estátua de escuro. Os olhos, habituados à penumbra desembarcaram na outra margem. De repente, escuto passos no mato. Ficou alerta.

— Azarias? Não era.

Chegou-lhe a voz de Carolina.

— Sou eu. Raul

Maldita velha, que vinha ali fazer? Trapalhar só. Ainda pisava na mina, rebentava-se e, pior, estoirava com ele também.

— Volta em casa, avó!

— O Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há-de ouvir.

E aplicou sua confiança, chamando o pastor. Por trás das sombras, uma silhueta deu aparecimento.

— Es tu, Azarias. Volta comigo, vamos para casa.

— Não quero, vou fugir. O Raul foi descendo, gatinhoso, pronto para saltar e agarrar as goelas do sobrinho.

— Vais fugir para onde, meu filho?

— Não tenho onde, avó.

— Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie até partir-se dos bocados — precipitou-se a voz rasteira de Raul.

— Cala-te, Raul. Na tua vida nem sabes da miséria. — E voltando-se para o pastor: — Anda meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda ajudar o teu tio juntar os animais. — Não preciso. Os bois estão aqui, perto comigo.

Raul ergueu-se, desconfiado. O coração batucava-lhe o peito.

— Como? Os bois estão aí?

— Sim, estão. Enroscou-se o silêncio. O tio não estava certo da verdade do Azarias.

— Sobrinho: fizeste mesmo? Juntaste os bois?

A avó sorria pensando no fim das brigas daqueles os dois. Prometeu um prémio e pediu ao miúdo que escolhesse.

— O teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há de respeitar o teu pedido.

Raul achou melhor concordar com tudo, naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam as obrigações do serviço das pastagens.

— Fala lá o seu pedido.

— Tio: próximo ano posso ir na escola? Já adivinhava. Nem pensar. Autorizar a escola era ficar sem guia para os bois. Mas o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento:

— Vais, vais.

— É verdade, tio?

— Quantas bocas tenho, afinal?

— Posso continuar ajudar nos bois. A escola só frequentamos da parte de tarde.

— Está certo. Mas tudo isso falamos depois. Anda lá daqui.

O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite. O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho. Era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago.

Quis gritar: — Vens pousar quem, ndlati?

Mas nada não falou. Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos.

— Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me? E antes que a ave do fogo se decidisse, Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.